



Hélio Beltrânio. Modelo: Andi el Canijo. 2015.

**DIY
ERSI
FICA**



PASSABILIDADE NÃO-BINÁRIA?

por **Louie Marine**

Com efeito, o que é gênero? O que significa a palavra? Ela fala de categorias, de grupos com características semelhantes. Sabemos que no que diz respeito a gêneros enquanto vivências humanas as aplicações desse termo são extremamente complexas. Somos educados achando que gênero é algo meramente corporal, mas percebemos eventualmente (ou não) que ele também se manifesta nas esferas psicológicas, emocionais, sociais, de nossas vidas. Porque, então, em tantos núcleos de debate sobre gênero, a corporalidade continua sendo um dos tópicos mais frequentes e a busca pela passabilidade é algo tão comum e muitas vezes incentivado?

A visibilidade trans e o debate sobre gênero têm crescido muito. O caminho a se percorrer ainda é extremamente longo, mas cada vez mais material a respeito surge, mesmo em desenhos animados como Steven Universo é possível perceber que os conceitos que regravam nossas vidas a respeito do que deva ser gênero estão finalmente mudando. Com esse processo, mais pessoas trans têm conquistado uma voz midiática significativa e até mesmo se tornado grandes celebridades. Mas é possível

perceber que a grande maioria dessas pessoas é binária dentro do espectro de gênero, ou seja, habita um dos polos: feminilidade ou masculinidade.

Quando se é trans binária é possível ter passabilidade cis. Vale lembrar que um homem trans que seja lido socialmente como homem não passa como homem, ele é homem, ele pode passar como cis, ser lido como cis. O mesmo vale, obviamente, para uma mulher trans. A passabilidade pode ajudar uma pessoa trans a lidar com as dificuldades sociais enfrentadas em seu dia a dia, mas o incentivo a buscá-la é complexo, pois acaba reforçando estereótipos cisnormativos.

Pessoas não binárias podem ter vivências diferentes do que significa esse “passar” como cis. É possível que a expressão de gênero de uma pessoa nb mude, e que ela em alguns dias performe masculinidade, em outros, feminilidade. É possível também que sua expressão de gênero seja neutra. A neutralidade é muito mais complicada, pois a sociedade não prevê o crescimento de indivíduos que se identifiquem dessa forma: desde pequenos somos bombardeados com escolhas de um dos dois papéis vigentes.

É importante percebermos que as características físicas que entendemos como “neutras” têm a ver com construções sociais também. Pessoas brancas, de rostos rosados, loiras, magras, podem ter uma neutralidade angelical; ou as de cabelos escuros ou coloridos, piercings, tatuagens, maquiagem, podem ter sua aparência considerada 'andrógina', deixando realmente na dúvida quem se preocupa em entender se alguém “é homem ou mulher”. De todo modo, é muito complicado para alguém que não tenha esses padrões genéticos – pele clara, rostos, silhuetas que

consideramos “neutras” – ser uma pessoa não binária saudável e feliz com sua aparência e expressão. É claro que que gêneros não binários nunca foram uma exclusividade de pessoas com qualquer aparência específica, mas principalmente na mídia ainda existe uma necessidade muito grande de uma representatividade maior dentre as figuras que performem e dialoguem buscando desconstrução de papéis de gênero.

Uma pessoa, digamos, bigênero, XX, negre e gorde teria muita dificuldade em seu dia a dia por ser lida de maneira feminina, não apenas no sentido dos pronomes, mas de todo o peso que essas leituras podem colocar em nossas costas. Se o gênero de alguém flui e essa pessoa não tem uma aparência considerada neutra, dificilmente ela vai conseguir a passabilidade cis de ambos os gêneros. E como lidar com a ideia e a decisão sobre transicionar ou não nessas situações?

Mesmo dentro do binarismo, ninguém deveria precisar provar seu gênero para o mundo através de corporalidade, uma vez que isso atravessa todas as esferas de nossas vidas. Quaisquer mudanças corporais devem ser feitas por uma vontade do indivíduo, e não por pressões somente externas. Em muitos núcleos trans, ainda é muito comum pensar a corporalidade de

maneira muito neutra. Eles incentivam a criança a fazer sempre o que se sente bem fazendo, seja se vestir de Minnie ou sair correndo na lama... ou ambos ao mesmo tempo. Nossas escolhas do dia a dia precisam se desprender dos papéis de gênero. Meninas não precisam ser fofas. Homens podem chorar. Isso nos acompanha até crescermos e mesmo depois que percebemos caso sejamos trans.

Precisamos entender que as pressões para nos mantermos em nossos papéis de gênero vão além da corporalidade, para que possamos nos ajudar sem gerar outras pressões de adaptação. Os paradigmas de que existem dois papéis de gênero específicos que devem ser seguidos estão mudando, mas essa mudança precisa acontecer mais rapidamente, e dentro do próprio transfeminismo devemos estar sempre atentos para evitar reproduzir os padrões sociais vigentes.

Louie Marine
artista visual e militante transfeminista



Thai Vieira. Genders Brasil, 2015.